

# Alma infantil

poemas de Francisca Júlia



# A aranha e a mosca

Uma aranha, a muito custo,  
com cuidado tece e enleia  
os fios de sua teia  
entre os galhos de um arbusto.

Da teia fina entre as pautas  
oculta a um canto se ajeita  
e fica encolhida à espreita  
das borboletas incautas.

Parece a teia um adorno  
entre os dois galhos tecido;  
um besouro, num zumbido,  
anda revoando-lhe em torno.

Pensa a aranha: “A presa é boa”.  
E o besouro descuidado  
quase às vezes é apanhado,  
mas bate as asas e voa.

Pousada num galho, acima,  
a mosca esperta acompanha  
com a vista os gestos da aranha,  
mas dela não se aproxima.

A mosca é velha, e, à cautela,  
diz estas coisas consigo:  
“Aquela aranha é um perigo,  
não me chego perto dela”.

Receosa da armadilha,  
soltando o voo, abre a asa  
e volta depressa à casa  
a prevenir sua filha;

E à filha diz que receia,  
receia muito essa aranha  
que as pobres moscas apanha  
nos fios da sua teia.

— Não vás lá, filha querida,  
quem te fala e te aconselha  
sou eu, que sou mosca velha.  
Não vás lá, que estás perdida.

Dado o conselho, anuncia  
que em voo ligeiro parte  
a buscar em outra parte  
o sustento do seu dia.

Pensa porém a mosquinha  
possuir também olho esperto:  
quer ver a aranha de perto,  
e da teia se avizinha.

— Que linda casa em que vives!  
Diz ela, “Parece loura  
no raio de sol que a doura,  
parece uma obra de ourives!”

“Minha casa é sem abrigo,  
de construção muito tosca  
palavra de honra de mosca,  
quisera viver contigo!”

“Creio bem que não te negas  
a viver em sociedade  
com a minha estreita amizade  
com excelentes colegas”.

Curiosa, em voo erradio,  
vencida enfim de quebranto,  
ela aproxima-se tanto  
que prende as patas num fio.

A aranha então, num disfarce,  
atira o laço em que enrosca  
as seis perninhas da mosca,  
que tenta em vão escapar-se.

Presas as patas, vencida,  
triste, enquanto a morte espera,  
lembra-lhe o que mãe dissera,  
chorando de arrependida:

“Foge da aranha, filhinha,  
quem te fala e te aconselha  
sou eu, que sou mosca velha.  
Infortunada mosquinha!”





# Voz dos animais

— O peru, em meio à bulha  
de outras aves em concerto,  
como faz, de leque aberto?  
— Grulha.

— Como faz o pinto, em dia  
de chuva, quando se interna  
debaixo da asa materna?  
— Pia.

— Enquanto alegre passeia  
girando em torno do ninho,  
como faz o passarinho?  
— Gorjeia.

— E de intervalo a intervalo  
quando a manhã se levanta,  
no quintal que faz o galo?  
— Canta.

— Quando a galinha deseja  
chamar os pintos que aninha,  
como é que faz a galinha?  
— Cacareja.

— A rã, quando a noite baixa,  
que faz ela a toda hora  
dentre os limos onde mora?  
— Coaxa.

— E quando as narinas incha,  
cheio de gosto e regalo,  
como é que faz o cavalo?  
— Relincha.

— Que faz o gato, que espia  
uma tigela de sopa  
que fumega sobre a copa?  
— Mia.

— Com a barriga farta e cheia  
que faz o burrinho quando  
se está na grama espojando?  
— Orneia.

— Para sinal de rebate,  
aviso, alarme ou socorro,  
como é que faz o cachorro?  
— Late.



— Para que as mágoas embale  
quando tresmalha, sozinha,  
que faz a branca ovelhinha?  
— Bale.

— Em fugir quando porfia  
a garra e aos dentes do gato,  
como faz o pobre rato?  
— Chia.

— De pé, se a boca descerra  
e alta levanta a cabeça,  
que faz a cabra travessa?  
— Berra.

— Cheia a boca da babuge  
do milho bom que ruma,  
que faz o boi na campina?  
— Muge.

— A pomba, que grãos debulha,  
como faz, batendo as asas  
sobre o telhado das casas?  
— Arrulha.

— A voz tremida do grilo  
que vive oculto na grama,  
a trilar, como se chama?  
— Trilo.

Mas escravos de emoções  
que os fazem bons ou ferozes,  
os homens têm sua vozes  
conforme as ocasiões.



# Infância e velhice

A mamãe estende o braço...  
(porque a mamãe é tão boa!)  
E a gente tropeça à toa,  
a cada passo.

Anos depois, quando a gente  
é grande já, sem cautela  
anda bem ao lado dela,  
valentemente.

E mais tarde, passo a passo,  
com delicada ternura,  
é a mamãe que se segura  
em nosso braço.







# O galo

Passo lento, olhar profundo,  
valente, brioso e grave,  
o galo é a mais linda ave  
dentre todas que há no mundo.

Um pé adiante, outro atrás,  
bico aberto, o galo canta;  
tem a glória na garganta  
e nas esporas que traz.

O galo é sempre o primeiro  
a anunciar as auroras.  
Repara bem: tem esporas  
e é por isso cavaleiro.

Coroa tem e de lei,  
coroa em forma de crista  
que ganhou uma conquista:  
por isso julga-se rei.

Pendentes até ao peito,  
vermelhas, grandes e belas,  
tem barbas que são barbelas  
que lhe dão muito respeito.

Com que delicado amor  
ele defende e acarinha  
o seu filho e a galinha  
com seu gesto protetor!

De cabeça levantada,  
altivo sobre o poleiro,  
ele é o rei do galinheiro  
e o cantor da madrugada.

Vivem todos sob a lei  
e ordens que o galo decreta:  
soldado, músico e poeta,  
pastor, cavaleiro e rei!





# Manhã de inverno

Manhã muito fria. Um bando  
passou de aves assustadas.  
Adriano e a mãe, de mãos dadas,  
passeavam, conversando.

À terna mamãe, que o ouvia,  
o pequenino Adriano,  
que tem pouco mais de um ano,  
estas perguntas fazia:

— Por que é que a avezinha esperta  
o frio, mamãe, não sente,  
se ela vive sem coberta  
feita de lã, como a gente?

— Olha mamãe, olha aquela!  
Quem sabe se no seu pio  
diz ela que sente frio?  
Que pena que tenho dela!

Diz a mãe: — Não, meu filhinho,  
Deus, que é tão bom e perfeito,  
Fez tudo muito bem feito:  
não deu frio aos passarinhos.

— Deu-lhes as penas de cores  
variadas e diferentes,  
que são macias e quentes  
como a lã dos cobertores.



# Primavera

Bem cedo, mal rompe o dia,  
já estão gorjeando as aves  
os seus pipilos suaves  
em grandiosa alegria.

Vasto, o campo se descobre,  
ondula, se estende e perde,  
todo verde, todo verde  
da nova relva que o cobre.

De toda parte invadidos  
e cheios estão os ares  
do perfume dos pomares  
e dos jardins florescidos.

Às aves eriça a pluma,  
varre os ares e os refresca  
o sopro da brisa fresca  
que tudo beija e perfuma.

A natureza se esmera  
com galas e enfeites novos;  
ri o sol, brotam renovos...  
É risonha a primavera

Que bem cedo acorda os ninhos,  
perfuma as flores, enfolha  
as árvores, folha a folha,  
onde cantam os passarinhos.









# Chuvas

Sendo forte a chuva, um dia,  
a pequenina Arabella,  
triste, através da janela,  
de si para si dizia:

“E esta chuva continua!  
Para nada a chuva presta:  
quando chove, não há festa,  
a gente não sai pra rua.”

“Eu pra mim tenho que erra  
quando diz a professora:  
— Sem chuva não há lavoura,  
nem há vida sobre a terra.”

“Besteira! Se tudo alaga,  
não há quem não a reprove.  
Eu acho que, quando chove,  
até a lavoura estraga.”

“Chuvas!... ou grossas ou finas,  
encharcam o traje todo,  
sujam as botas de lodo...  
E eu só tenho estas botinas.”

“A chuva só palmatória  
merece, para castigo.  
Por isso é que eu sempre digo:  
com chuva não quero história.”

“Entretanto, se é verdade,  
como a professora disse,  
que a chuva (mas que tolice!)  
tem alguma utilidade,

É porque, de vez em quando,  
a gente enfim se consola,  
porque deixa de ir à escola  
e fica em casa brincando”.





